



ABERALDO E O RIO:
ESCULTURAS DA ILHA DO FERRO



Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular
Iphan / Ministério da Cultura

REALIZAÇÃO

Ministério da Cultura

Ministra: Margareth Menezes

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

Presidente: Leandro Antônio Grass Peixoto

Departamento de Patrimônio Imaterial

Diretor: Deyvesson Israel Alves Gusmão

Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular

Diretor: Rafael Barros Gomes

Associação Cultural de Amigos do Museu de Folclore Edison Carneiro

Presidente: Edilberto Fonseca

Apoio:

Programa Alagoas Feita à Mão &
Secretaria de Estado de Relações Federativas e
Internacionais de Alagoas

Programa Sala do Artista Popular

Coordenadora: Ana Carolina Carvalho de Almeida Nascimento

Pesquisa e texto

Daniel Reis

Fotografias

Francisco Moreira da Costa

Projeto de montagem e produção da mostra

Flávia Klausing Gervásio

Programação visual

Aurélio Marques Fernandes | Traço Leal Publicidade e Assessoria

Edição e revisão de textos

Natália Natalino | Traço Leal Publicidade e Assessoria

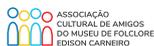
Produção audiovisual

Alexandre Coelho

Montagem

Jorge Guilherme de Lima
José Marcos Tertuliano

Apoio:





Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Amadeu Amaral

A143

Aberaldo e o rio: esculturas da Ilha do Ferro / pesquisa e texto
Daniel Reis. – Rio de Janeiro: CNFCP, 2024. – (Sala do Artista
Popular, n. 208).
36 p.

ISSN: 1414-3755

Catálogo de exposição realizada de 22 de agosto a 29 de
setembro de 2024.

1. Escultura em madeira. 2. Ilha do Ferro 3. Rio São
Francisco. 4. Lima, Aberaldo Sandes Costa. I. Reis, Daniel. II.
Série.

CDU 730(813.5)

A Sala do Artista Popular, do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular/CNFCP, criada em maio de 1983, tem por objetivo constituir-se como espaço para a difusão da arte popular, trazendo ao público objetos que, por seu significado simbólico, tecnologia de confecção ou matéria-prima empregada, são testemunho do viver e fazer das camadas populares. Nela, os artistas expõem seus trabalhos, estipulando livremente o preço e explicando as técnicas envolvidas na confecção. Toda exposição é precedida de pesquisa que situa o artesão em seu meio sociocultural, mostrando as relações de sua produção com o grupo no qual se insere.

Os artistas apresentam temáticas diversas, trabalhando matérias-primas e técnicas distintas. A exposição propicia ao público não apenas a oportunidade de adquirir objetos, mas, principalmente, a de entrar em contato com realidades muitas vezes pouco familiares ou desconhecidas.

Em decorrência dessa divulgação e do contato direto com o público, criam-se oportunidades de expansão de mercado para os artistas, participando estes mais efetivamente do processo de valorização e comercialização de sua produção.

O CNFCP, além da realização da pesquisa etnográfica e de documentação fotográfica, coloca à disposição dos interessados o espaço da exposição e produz convites e catálogos, providenciando, ainda, divulgação na imprensa e pró-labore aos artistas, no caso de demonstração de técnicas e atendimento ao público.

São realizadas seis exposições por ano, cabendo a cada mostra um período de cerca de dois meses de duração.

A SAP procura também alcançar abrangência nacional, recebendo artistas das várias unidades da Federação. Nesse sentido, ciente do importante papel das entidades culturais estaduais, municipais e particulares, o CNFCP busca com elas maior integração, partilhando, em cada mostra, as tarefas necessárias a sua realização.

Uma comissão de técnicos, responsável pelo projeto, recebe e seleciona as solicitações encaminhadas à Sala do Artista Popular, por parte dos artesãos ou instituições interessadas em participar das mostras.



Pôr do sol na Ilha do Ferro

ABERALDO E O RIO: ESCULTURAS DA ILHA DO FERRO

Daniel Reis

“Se eu pudesse, eu morava lá no meio do rio!” exclamou ABERALDO, às margens do Velho Chico, aos pés da Ilha do Ferro, sua terra natal no sertão alagoano. Uma fala expressiva da simbiose entre um indivíduo, seu povoado e as águas que correm e lhes volteiam, circundando também biografias, memórias e histórias. Da vida e obra de um escultor que imprime na madeira lembranças e experiências que reverberam a arguta observação de seu território. As embarcações navegadas do rio São Francisco, os personagens da história local e a fauna são elementos que ganham forma pelos caminhos sugeridos pela madeira, transformando-se em esculturas, bancos, representações em miniatura de uma trajetória vivida naquela localidade.

A Ilha do Ferro é um povoado do município Pão de Açúcar, no sertão alagoano, à margem do rio São Francisco, que dista aproximadamente 250 km da capital, Maceió. Sua população é de cerca de 500 pessoas distribuídas entre aproximadamente duas centenas de famílias. A economia gira em torno da pesca, da agricultura, da pecuária de subsistência e do artesanato. Referências sobre a existência histórica da localidade são encontradas já no século 17, no mapa do cartógrafo holandês Joan Blaeu, de 1665, denominado *Primeiro Mapa da Capitania de Sergipe Del Rey*. Chama atenção ser uma das poucas citações toponímicas em português em meio à maioria escrita em Tupi e holandês. Pão de Açúcar, por exemplo, aparece descrita com o nome Jaciobá, que significa “espelho da lua” em Tupi (Barros, 2017; Azevedo, 2010).

Embora receba o nome de Ilha, o povoado pode ser acessado por terra por meio de uma estrada de chão batido emoldurada pela vegetação da Caatinga, aberta nos anos 1980, em simultâneo à chegada da luz elétrica. Até então, havia trilhas e picadas onde era frequente a circulação de pessoas, animais e carros de boi. De tal modo, a principal forma de transporte utilizada para entrada e saída da Ilha eram as embarcações pelo rio, presentes ainda hoje e recomendáveis sobretudo no período do inverno chuvoso, que por vezes interdita a estrada. Partindo do centro de Pão de Açúcar, navega-se por cerca de uma hora, avistando-se povoados que se espalham às margens do São Francisco.

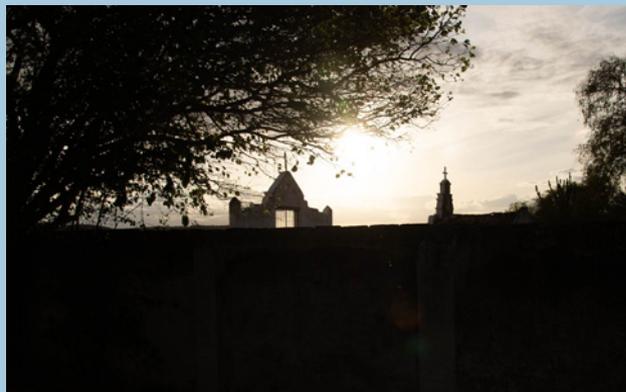
Existem algumas versões sobre a origem do nome Ilha do Ferro. Entre as mais comuns, há aquela que o atribui à abundância do pau-ferro na região. Outra versão faz alusão à existência de uma família Ferro, que teria sido proprietária das terras em data longínqua. Uma terceira, um tanto inusitada, fala do naufrágio da embarcação de passageiros Moxotó, em 1917, cujos destroços, ou “os ferros” do barco na gíria local, se tornam visíveis quando o rio baixa. De fato, é difícil comprovar documentalmente a veracidade dessas versões; o mais interessante é a observação do modo como, por meio delas, se conta a história do povoado.



Retrato de Aberaldo com suas eculturas



Estrada de acesso à Ilha do Ferro



Vista do Cemitério da Ilha do Ferro



Rua principal da Ilha do Ferro



Vista do povoado da Ilha do Ferro

Lugar bucólico de gente hospitaleira, receptiva a uma prosa na calçada em frente à porta de suas casas, enquanto se balançam em cadeiras onde costumam acompanhar o fim de tarde, a Ilha do Ferro se transformou a partir dos anos 1950 junto e sob o impacto das transformações do rio que lhe circunda. A rizicultura, por exemplo, declinou, pois as regiões de alagadiços provocadas pela cheia do São Francisco tornaram-se cada vez menos frequentes. Junto dela, perderam-se expressões associadas aos mutirões e cantos de trabalho. Também escassearam da paisagem local as olarias artesanais, a fabricação dos tamancos de pau e a construção de embarcações, tão simbólicas no imaginário local (Barros, 2017).



Fachada de casa da Ilha do Ferro

Nas últimas décadas, no entanto, a localidade ganhou notoriedade em função de suas artesanias e artes populares. Há uma grande concentração de ateliês de artistas distribuídos ao longo de suas poucas ruas, identificados por alguma pintura, placa (produzida por eles ou associada a algum programa de governo) ou objeto que aguça o olhar do passante entre janelas e portas, convidando a uma visita. Nota-se uma divisão de gênero em que mulheres se dedicam majoritariamente ao bordado boa-noite, característico da localidade, e os homens à escultura em madeira. Esta produção tem perfil diverso, mas talvez seja possível sugerir que ela se enquadra em alguns perfis principais: o chamado "mobiliário rústico", com estéticas singulares que sugerem o movimento da madeira e que podem ser coloridos ou na cor da própria madeira; as esculturas, em que cada artista tem um perfil e estilo próprios; e as miniaturas, que representam a fauna e elementos da cultura local, como embarcações e utilitários, incluindo gamelas e abridores de garrafa, entre outros. Nota-se ainda as sempre cambiáveis distinções entre aqueles que se autodenominam ou são reconhecidos como artesãos e aqueles que são considerados artistas populares; entre uma e outra, há o uso atribuído ou autoatribuído da categoria "mestre". Elementos que hoje suscitam algumas indagações na Ilha sobre, afinal, qual o significado e quem está autorizado a atribuir ou se autointitular enquanto tal.

Seu Fernando, o Fernando Rodrigues dos Santos (1928-2009), é tido como o personagem mais ilustre da terra. Pescador, agricultor, caçador e poeta, ele se tornou um reconhecido artista popular, cujas obras se

caracterizam por formas peculiares e versos entalhados na madeira que refletem o pensamento de seu autor. A ele costuma ser atribuído o pioneirismo na intenção de entalhar a madeira com um propósito expressionista e simbólico. Suas memórias foram ditadas e compiladas em um livro que narra parte de sua história e do povoado em que viveu. Em 2007, foi reconhecido com o título de Patrimônio Vivo do Estado de Alagoas, conforme a Resolução nº 01/2007.

Parte dessa história e do povoado é contada no Espaço de Memória Artesão Fernando Rodrigues dos Santos, mais conhecido como Museu da Ilha do Ferro.¹ Foi criado em 2017 a partir de uma parceria entre a Universidade Estadual de Alagoas (Uneal) e a Prefeitura Municipal de Pão de Açúcar, sob a coordenação do professor Jayro Campos, que na altura também era reitor da Universidade. Nesse espaço, pode ser vista uma proposta de musealização afetiva do território, com foco nos artistas da Ilha do Ferro e localidades próximas, como Boca da Mata, entre os quais Aberaldo.

Aberaldo Sandes Costa Lima, Aberaldo ou ainda Mestre Aberaldo, nasceu em 1960 na Ilha do Ferro, de onde pouco saiu. De fala pausada, olhar profundo e desconfiado, é o quarto filho de uma família com seis irmãos cuja mãe, Maria do Carmo, se dedicou ao bordado, à agricultura familiar e ao cuidado dos seus. Já o pai, Manoel Sandes, se dividia entre ferreiro, carpinteiro e agricultor. Era também um exímio sanfoneiro de oito baixos que tocava na região com a sua banda Cheiro de Vinho, além de poeta cordelista, cujos versos ainda podem ser lidos nas

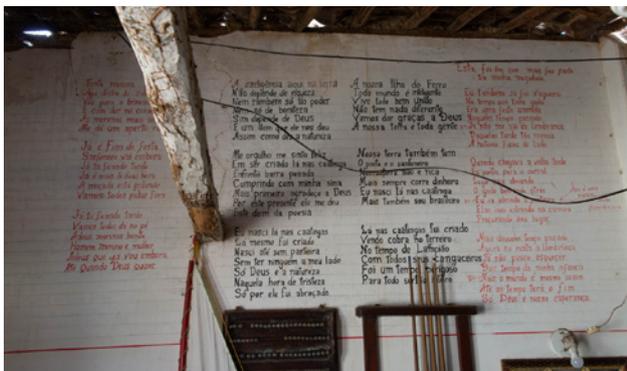


Vista do Espaço de Memória Artesão Fernando Rodrigues dos Santos

paredes da casa de um de seus filhos, Antônio Sandes, como o que se transcreve a seguir, em que se apresenta para narrar uma história do cangaço na região:

Escute bem essa história
Deste homem competente
Este grande conhecedor
Do passado até o presente
Manoel da Costa Lima
Porém um pouco inteligente

¹ Para saber mais sobre o Museu, visite sua página no Instagram: @museudailhadoferro <https://www.instagram.com/museuilhadoferro/?hl=pt>.



Versos de Manoel Sandes pintados na parede da casa de seu filho, Antônio Sandes

Quando criança, Aberaldo, como muitos de sua geração, frequentou o ensino formal por um curto período devido às dificuldades daquele tempo. A escola ficava consideravelmente distante, demandando longas caminhadas. Além disso, como narra: “Naquele tempo, você tinha que também trabalhar pra sobreviver, pra ajudar seu pai e sua família. E, por conta disso, muitos aqui, não só eu, deixaram de estudar por conta disso, né?”.

Sua infância se dividiu entre a Ilha do Ferro e o povoado de Lagoinha, distante 6 km dali, onde a família possuía um terreno em que cultivavam o roçado e onde ele cresceu trabalhando e ajudando o pai, com quem aprendeu sobre o manuseio da madeira. No tempo livre, Aberaldo se dividia também entre o futebol no antigo campinho da Ilha

e o rio, onde costumava pescar, nadar e fazer as corridas de miniaturas de barcos à vela que ele mesmo confeccionava. Aos 19 anos, conheceu Vana, com quem não demorou muito a se casar. Com ela, construiu uma jornada de companheirismo que já dura mais de 40 anos. O casal possui quatro filhos, sendo que os dois mais velhos, Lucas e Maurício, partiram em busca de trabalho e novas oportunidades e atualmente moram em Belém (PA) e Belo Horizonte (MG), respectivamente. Já os mais novos, Mariana e Fabrício, trabalham na organização e divulgação dos trabalhos do pai e na gestão da pousada que construíram no terreno da casa em que vivem, capitaneada pela matriarca da família, que nos conta como esse projeto ganhou forma:

Agora todo mundo está fazendo, mas ninguém tinha coragem de fazer. Eu fiz dois quartos, uma pousada. Eu fiz pra hospedar o povo. O povo dormia aqui na minha casa. Quem primeiro chegou aqui com turista foi Celso Brandão. Os turistas dormiam na minha casa e ele dormia aí no quintal, numa rede, porque não tinha vaga pra dormir. Toda vida eu gostei de trabalhar. Eu vendia pimentão na feira, verdura na feira. Aí um rapaz de São Paulo me tirou da feira e me colocou pra trabalhar na casa dele. Mas toda vida eu fazia almoço aqui na minha casa. Aí depois ele viu que eu tava muito aperreada pra fazer almoço pra o povo e ficar na casa dele, aí ele me pagou. Me pagou o dinheiro na hora. Quando eu chego aqui, mostrei pro Aberaldo e disse a ele: “Agora eu vou fazer dois quartos pra hospedar o povo”.



Vista da Pousada de Vana e Aberaldo

A também bordadeira Vana descreve seu papel precursor no ramo de hospedagem na Ilha. Hoje, sua pousada já conta com mais dois quartos decorados com as obras de Aberaldo e de outros artistas locais, e ela segue cozinhando para os hóspedes e turistas. Enquanto serve as refeições, conta histórias do povoado e de sua vida. Entre elas, um dos momentos mais marcantes nessa trajetória foi o dia em que recebeu a visita de Luciano Huck, após ter lhe enviado um sem-número de cartas. A fã do apresentador tinha o sonho de mostrar a ele suas realizações, seu povoado e de que ele dormisse em sua pousada. A visita aconteceu em 2019 e na ocasião Huck proporcionou a Vana a surpresa de trazer seu filho Lucas, que ela já não via há tempos e guardava grande saudade. A história é repetida com bom humor aos visitantes enquanto Vana anuncia sua nova meta: hospedar o presidente Lula!

Enquanto isso, Aberaldo conduz a conversa explanando sobre um de seus temas favoritos: o rio São Francisco. Ele discorre sobre a importância daquelas águas para a história da Ilha do Ferro, seja em função da pesca, da navegação ou ter sido seu principal espaço de lazer e entretenimento ao longo de sua vida. De modo singelo e íntimo, ele corrobora a potência do rio já descrita de forma analítica como uma via fluvial de suma relevância para o surgimento e desenvolvimento de povoados e cidades às suas margens ao longo de seu curso; sua importância é também contada em prosa e verso, seja no espanto de sua imensidão, como nos fala o também alagoano Graciliano Ramos pela voz de seu personagem vaqueiro Alexandre, quando diz “É o maior rio do mundo”, ou, em sua outra margem, na metáfora de Guimarães Rosa de que, se o sertão é o mundo, o rio são os homens (Meneses, 2002). Aberaldo e rio se fundem, homem e água marcados pela fluidez da forma e a solidez das raízes que os conformam em seu território.



Vista da Pousada de Vana e Aberaldo



Aberaldo sentado no casco da embarcação Tiêta

Em meio às paisagens de memória fluvial, as embarcações que navegaram o Velho Chico têm um lugar especial nos afetos de Aberaldo. Ele e o irmão, Antônio Sandes, são apaixonados pesquisadores da estética e poética dos barcos que compuseram a história náutica da região e que hoje já não são vistos com a mesma frequência de antes – o assoreamento do rio e a mudança das rotas comerciais e de transporte de pessoas são destacados como fatores dessa mudança. Na casa de Antônio, há uma parede com uma espécie de inventário dos nomes de canoas navegadas no baixo São Francisco. Ambos descrevem com precisão os tipos de canoas e a história de muitas delas, como a Tiêta, que Aberaldo comprou em ruínas

nas margens do rio e que, sentando-se em seu casco, detalha cada modificação feita naquele barco até ser abandonado na margem do rio por seu anterior proprietário, e seu objetivo de restaurá-la com propósitos afetivos e educativos.



Placa que fazia parte de Tiêta, embarcação de Aberaldo

É uma história muito bonita a dessas canoas. E eu queria ver se conseguia fazer essa navegar aqui no rio, porque hoje, se você perguntar pra gente de vinte anos abaixo o que é uma canoa de tolda ou alguma outra, eles não sabem, nunca viram, não sabem nem o que é.

Das canoas emergem memórias do povoado, como ao falar da embarcação de nome Balisa, uma das que transportavam pessoas para as feiras em Pão de Açúcar e outras localidades. Aberaldo recorda que, muitas vezes, saíam na segunda-feira e só conseguiam retornar no dia seguinte por conta da ausência de vento para empurrar as canoas, que ficavam à deriva e atracavam aos pés dos morros na costa do rio. Nesses casos, a solução era saltar do barco e seguir pela beira do São Francisco, caminhando horas a fio, ou aguardar por longos períodos até que o vento fosse suficiente para empurrar a embarcação.

No baixo São Francisco, alguns perfis de barcos eram recorrentes, como a canoa de tolda, a canoa chata e a canoa de corrida. A cada uma delas corresponde uma determinada forma construtiva, características e tipos de vela, como comenta Aberaldo:

Aqui, a canoa de tolda, que é a maior que tinha de todas as canoas, a vela dela é um pouco diferente. Esse estilo, se eu não me engano, já me falaram que é da Itália. Essas canoas vieram de fora, não é daqui do Brasil. Pra gente, é conhecido o nome dessa vela como traquete. E a chata, que é tipo a minha, que

eu vou restaurar, já é um tipo triângulo, que chama coringa, o nome da vela. É um tipo parecido com o da jangada. É um triângulo. E a canoa de corrida, ela é todo quadradinho. Se chama loló. É um quadradozinho, todo quadradinho. E são esses três tipos de vela que eram usados aqui nas canoas do São Francisco.



Escultura da embarcação Tupigy, navegada no Rio São Francisco, de Aberaldo

Entre as canoas mais conhecidas na região, cabe mencionar a Luzitânia, canoa de tolda tombada pelo Iphan em 2010. Esse perfil de canoa foi redesenhado no Brasil tendo suas dimensões reduzidas para se adaptar melhor à navegabilidade, o que lhe confere unicidade. É composta por leme, tábua de bolina, moitão, vela de traquete e a tolda,

que servia para abrigar os canoeiros e as mercadorias transportadas por esse tipo de embarcação. A canoa de tolda foi muito comum no rio São Francisco e a Luzitânia é considerada um dos últimos exemplares ainda existentes. Foi adquirida pela Sociedade Socioambiental do Baixo São Francisco em 1999, tendo sido restaurada e voltado a navegar. Anteriormente, chamava-se Rio Branco, visto que era comum a troca de nome das embarcações à medida que trocavam de mãos. Em 2022, a Luzitânia, que passava por reparos em Mata da Onça, também no sertão alagoano, naufragou no São Francisco após a elevação das vazões da hidrelétrica Xingó. A operação de submersão durou três dias e exigiu uma série de cuidados.² Atualmente, a Luzitânia está fora da água, armazenada no município de Traipú (AL), e o Iphan elabora uma proposta de recuperação da embarcação que também sirva de modelo para ações de preservação do patrimônio naval brasileiro.

A importância das canoas para a região é tamanha que, segundo Aberaldo, ela está na origem do próprio artesanato e arte em madeira da Ilha. Ele comenta sobre a importância do desenvolvimento das técnicas de manuseio da madeira realizados pelos antigos mestres canoeiros que construíam e restauravam barcos, destacando a importância do legado e conhecimento deixado por eles. Recorda alguns nomes que considera importantes, como Agripino, Odilon, Dedé, Neném, Nivaldo e seu avô Davino, enquanto comenta: “O artesanato aqui do Ferro vem, eu acho, das canoas, dos mestres das canoas. Porque quem faz uma canoa de tolda é um grande mestre. Você já viu e sabe como é que é, o trabalho que dá, não é?”.



Escultura de barco, de Aberaldo, em construção

Para além do conhecimento dos mestres canoeiros, Aberaldo menciona também o trabalho artesanal da madeira, que teve importância durante algum tempo na Ilha com a produção de tamancos de pau que as pessoas vendiam à beira do rio e nas feiras da região. Hoje, a neta de Seu Fernando, Camille Dias, vem produzindo uma releitura desses tamancos, incorporando novos elementos estéticos.

² O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) concluiu no dia 16 de março de 2022 a missão de retirar e rebocar com segurança a canoa de tolda Luzitânia da área encharcada do rio São Francisco. Para saber mais, consulte: <https://www.gov.br/iphane/pt-br/assuntos/noticias/iphane-remove-canoa-tolda-luzitania-das-aguas-do-rio-sao-francisco>.



Tamancos de Camille Dias

Por fim, Aberaldo elenca como uma influência importante para o desenvolvimento do atual artesanato e das artes populares na Ilha do Ferro a representação material e simbólica da fé, como os ex-votos encomendados em agradecimento pela cura alcançada, nos quais ele reconhece valor estético na produção desses objetos, como nos diz:

Quem já andou por Juazeiro, [terra] do Padre Cícero, eu nunca estive lá, mas já me informaram que lá tinha muitas cabeças de boneco assim (...). Essa pessoa eu acho que era, pra mim, um grande artista, um mestre, que fazia essas coisas. Eu nem sei, nem cheguei a conhecer quem eram essas pessoas que faziam isso. Provavelmente já faleceram, gente antiga. Eu fiz muitas cabeças também pensando nisso, nessas cabeças que eu via. Eu vi algumas; eles botavam até nas catatumbas, em beiras de estradas, de gente que sofria acidente. Tinha muitas por aí.



Esculturas de Aberaldo em construção

Pessoalmente, Aberaldo nos conta que o trabalho com a madeira sempre fez parte de sua vida, um conhecimento transmitido geracionalmente entre os seus. Aprendeu a manuseá-la com o pai na carpintaria, como já dito, e desde cedo produzia objetos diversos de cunho decorativo e utilitário para sua casa: “O meu pai fazia carro de boi e tinha um tio meu também que fazia carro de boi. E meu pai trabalhava com carro de boi, com casa, com curral, feito de tábuas. Já o meu avô tinha canoa, né? Aí isso já vem de geração, de família, de você trabalhar com madeira”.

No entanto, afirma que sua habilidade escultórica e artística é um dom nato. Sua inventividade e técnica de produção refletem suas observações, memórias, experiências e experimentações de um longo processo de autoaprendizado. Aberaldo é um atento ouvinte e desconfiado observador do ambiente, das memórias e das transformações de seu território, algo claramente refletido em seu trabalho, que começa de forma lúdica na infância: “Aí eu comecei fazendo essas canoinhas pra brincar no rio; não era tanto nem interesse de vender, só pra uma diversão pro rio, que nem eu falei pra você que era a única diversão que tinha, o rio e o futebol”.

As corridas de miniaturas de barcos em madeira eram comuns no seu tempo. Aberaldo recorda que ele e seu irmão Antônio produziram muitas dessas embarcações para brincar, visto que muitas vezes as perdiam para a correnteza do rio. Algo que, no entanto, era motivo de orgulho! Como diz Aberaldo, as réplicas dos barcos haviam ficado tão boas e tão rápidas que eles não conseguiam acompanhá-las a nado.



Retrato de Aberaldo com uma de suas esculturas de barro

No início da década de 1980, os irmãos começaram a produzir esses barcos e representações da fauna local para vender na “tradicional” Feira do Passarinho, em Maceió (AL), junto com os lenços com bordado boa-noite, produzidos pela esposa de Antônio. Aberaldo recorda que era muito difícil viver da venda de artesanato na região naquele momento, mesmo buscando as feiras dos povoados e cidades maiores. Era necessário desdobrar-se em múltiplas tarefas para assegurar o sustento. No entanto, esse foi um período fundamental para que apurasse seu apreço por esculpir a madeira e se aventurasse na ampliação de seu repertório, que entrelaça memória, imaginário coletivo e potência criativa individual.

Logo começou a fazer seus primeiros “corcundas”, esculturas em madeira inspiradas na postura corporal de Frei Damião, frade italiano radicado no Brasil e de atuação reconhecida em várias localidades do Nordeste, incluindo Alagoas. Aberaldo ouvia as histórias a respeito do Frei e decidiu transformar essas crônicas em esculturas como forma de homenageá-lo e dar vazão a seus pulsos criativos. Em seguida, começou a esculpir formas inspiradas nos ex-votos que via pelas estradas e ouvia nas histórias de fé do povoado.



Retrato ampliado de Aberaldo com uma réplica da embarcação Tupan, em uma cadeira na sala da casa de seu irmão, Antônio Sandes

Seu repertório foi paulatinamente se ampliando e, hoje, conta com uma multiplicidade de formas, como bancos, animais, barcos, miniaturas e outros desafios que lhe colocam a fazer com a madeira. Objetos variam em suas dimensões, formas e texturas, sugerindo uma cuidadosa e precisa conversa com a matéria-prima. No entanto, as formas antropomórficas se tornaram a principal



Escultura de Aberaldo

marca de seu trabalho. Alguns de seus clientes, inclusive, afirmam que essas formas se trata de autorretratos, algo que Aberaldo comenta com ironia: “Eu não acho, mas se estão dizendo... [risos]”. Trata-se, como afirma Carmem Dantas (2009), de uma “obra de muitas caras”, cuja temática principal é uma forma específica de representação e expressão da figura humana.

“A escultura é um vício. Um dia que fico longe, eu já sinto falta”, nos conta Aberaldo enquanto entalha a madeira, atividade cotidiana em seu quintal, cercado por suas obras. As matérias-primas mais utilizadas são a imburana e o mulungu, obtidas por meio da coleta de galhos e troncos caídos ou pela compra junto a pequenos produtores da região, durante o manejo de seus roçados. Ele afirma, no entanto, que a madeira está cada vez mais escassa na região e expressa seus receios quanto à sua respectiva procedência, além da intensificação da fiscalização. Comenta que o incremento da atividade artesanal e artística ligada à madeira, e consequentemente a maior demanda por essa matéria-prima, tem chamado a atenção das autoridades públicas estaduais para o possível risco de desmatamento que isso pode impulsionar. Em resposta, órgãos como a Secretaria de Turismo e o Instituto do Meio Ambiente de Alagoas vêm realizando algumas ações educativas sobre o assunto.

Diante desse quadro, Aberaldo defende a implementação de um plano de manejo na Ilha do Ferro que possibilite aos artesãos trabalhar com madeira certificada e com controle de procedência. A alternativa, segundo ele, seria uma iniciativa governamental que estipulasse uma área de terra para o plantio e controle da extração dessa madeira, de modo a atender aos artistas locais, proporcionando-lhes a tranquilidade necessária em relação à sua matéria-prima.

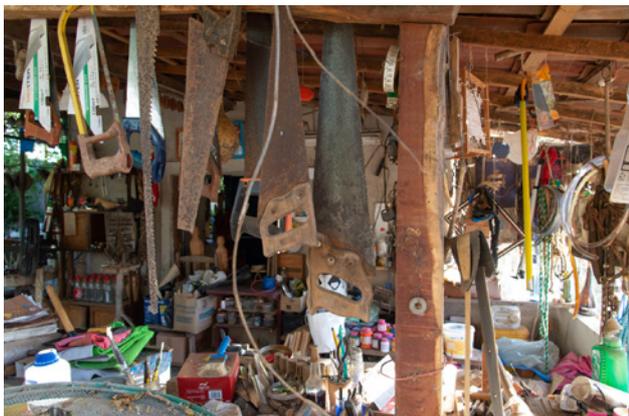


Madeiras armazenada no quintal de Aberaldo



Ateliê de Aberaldo em seu quintal

Para trabalhar com a madeira, o repertório de ferramentas inclui uma série de itens acionados de acordo com a etapa de trabalho. A serra elétrica é usada para cortar os troncos maiores e mais duros. Um conjunto de diferentes serrotes, serras, enxós, facões e machadinhas é utilizado para dar contorno à madeira. Formão, facas e lixas de diversos tamanhos são usados para os processos de finalização. Por fim, a tinta à base de água e o verniz conferem o acabamento. Inicialmente, usava tinta a óleo, mas a substituiu por considerá-la muito agressiva ao corpo. A adição de cores às esculturas, segundo Aberaldo, é uma demanda de mercado. Ele próprio afirma também gostar dos objetos com a cor e a textura da madeira, que lhes atribuem uma outra perspectiva e vivacidade. Nesses casos, aplica cera de



Ferramentas de trabalho no ateliê de Aberaldo



Esculturas de Aberaldo em processo de fabricação

carnaúba para selar a madeira, que normalmente compra em Belo Horizonte por intermédio do filho que lá reside. Já os demais itens citados são obtidos no comércio de Pão de Açúcar e Maceió.

O tempo médio de fabricação varia. Em geral, Aberaldo trabalha em várias peças ao mesmo tempo, executando-as por etapas. Assim, num dia ele faz apenas o corte, noutro, só o polimento, e assim por diante. Embora esse método otimize o trabalho, afirma que, de fato, lhe importa a rotina permanente entre o entalhe, o rio e sua imaginação.

Um dado relevante no discurso de Aberaldo é a assinatura. Foi o fotógrafo Celso Brandão quem lhe chamou a atenção quanto a isso ainda nos anos 1980: a importância da identificação de suas obras, bem como a inserção dessa assinatura em lugares estratégicos do objeto. Naquele momento, Aberaldo ainda não imaginava a projeção que sua arte alcançaria. Era uma produção despretensiosa, na qual ele ainda não havia tomado plena consciência de um trabalho único e autoral, sobre o qual comenta:

Ele [Celso Brandão] me fez muito esse incentivo de assinar. Porque no início, eu acredito que deve ter algumas peças minhas por aí, espalhadas por aí, que nem tem a minha assinatura. Por conta disso. Porque eu nem imaginava que aquilo ia ter valor, o que era. Que nem o Fernando também, que vendeu peças por aí e que não assinou. A primeira vez que eu fui pra Belo Horizonte, eu conheci um rapaz que ele disse: “Rapaz, eu estava louco que você viesse pra cá, Aberaldo, porque eu comprei uma peça sua em uma loja, não sei se foi uma loja ou se já foi de outra pessoa, e essa peça não está assinada. E eu sei que é sua. Você vai ficar a semana toda aqui e eu vou trazer ela pra você assinar”. Aí ele trouxe e eu assinei lá em Belo Horizonte. Mas é uma peça antiga, logo no início do meu trabalho. Porque às vezes você nem imagina que as pessoas vão querer que eu assinasse. Fazia e botava aí, vendia de qualquer jeito.



Detalhe de assinatura de Aberaldo em suas esculturas

A assinatura é um tema sensível no campo das artes populares. Se, por um lado, encontramos relatos como o de Aberaldo, que refletem um processo de conscientização sobre a importância daquilo que produzem e a construção da perspectiva de individualização do autor, por outro, ainda há uma longa agência fomentada por intelectuais que defenderam a ideia do folclore e das culturas populares como produto coletivo, silenciando, por vezes, a autonomia e a criação do sujeito. Não é por acaso que encontramos, em acervos de museus de artes e culturas populares, um considerável número de objetos cujo campo da autoria é descrito como “anônimo” ou “desconhecido”. No entanto, sabe-se que, mais do que desconhecidos, esses autores foram silenciados.



Espaço de comercialização em peças no ateliê de Aberaldo

Hoje, ABERALDO é um dos mais reconhecidos nomes das artes populares da Ilha do Ferro, com obras espalhadas nacional e internacionalmente entre acervos de colecionadores, galeristas e instituições culturais. A construção desse reconhecimento faz parte de um contexto que começou a ganhar forma no início dos anos 1980 e que atualmente faz do povoado um notório celeiro de artesãos e artistas populares. Algo que poderíamos considerar, nos termos de SHAPIRO e HEINICH (2013), como a artificação da Ilha do Ferro, ou seja, o conjunto de processos que contribuíram para que o até então povoado ribeirinho, identificado por seu bordado boa-noite, canoieiros e tamancos de pau, se tornasse um celeiro de artistas populares. Atualmente, o povoado é descrito como um polo criativo, como sublinha ARTHUR LINS (2021), a exemplo do Vale do Jequitinhonha (MG), Alto do Moura (PE) e Juazeiro do Norte (CE), que guardam em comum a matriz de origem associada a um nome canônico, neste caso, Seu Fernando. No entanto, ao aproximar o foco, cada qual detalha trajetórias e ascendências familiares específicas. Há artistas que inclusive aderiram ao topônimo local na assinatura de suas peças, usando "I. D. F." (Ilha do Ferro) como uma espécie de certificação de origem e território.



Alguns nomes, como o fotógrafo Celso Brandão e a museóloga Carmen Lúcia Dantas, nos anos 1980, e a artista e colecionadora Tânia Pedrosa e o colecionador italiano Luca Parani, na década seguinte, são frequentemente descritos como responsáveis pela “descoberta” da Ilha do Ferro. Aos dois primeiros cabe o crédito de atuarem como mediadores entre o povoado e o universo de instituições e pessoas ligadas ao campo cultural; aos seguintes, o estímulo e a difusão por meio do colecionamento e exibição sistemáticos dessa produção, atraindo novos olhares. Também tiveram atuação relevante nesse processo o casal Maria Amélia Vieira e Dalton Costa, donos da Galeria Karandash, hoje uma das maiores galerias de arte popular do território alagoano, no “garimpo”, agenciamento e difusão de artistas locais, projetando-os nacional e internacionalmente.



Aberaldo esculpindo em seu quintal



Ateliê Boca do Vento, da família de Seu Fernando

Uma narrativa bastante difundida sobre esse processo, entre moradores da Ilha e mediadores, atribui centralidade ao pioneirismo de Seu Fernando. Conta-se que a estrada de acesso ao povoado e a luz elétrica haviam recém-chegado à localidade e que, com os galhos de árvores cortados para a passagem das obras, ele produziu alguns bancos com formas características para o seu bar, O Redondo, que despertaram a atenção dos turistas que começavam a frequentar a região. Em suas memórias, o próprio Seu Fernando comenta sobre esse “mito” fundador:

Em [19]79 eu fui para o Rio de Janeiro, voltei em [19]80, em [19]81 eu derrubei o mulungu na frente da minha casa para o primeiro trator descer fazendo a estrada. Aí eu aproveitei a madeira [e] fiz as primeiras peças por nome Robô. Em [19]82 veio a energia [e] o dono da faixa era eu com o trator. Quando terminamos veio o Fundec, o presidente da associação era Zito, acompanhado de muita gente de fora, e tinha duas mulher, uma era Angela e a outra eu esqueci o nome. Veja bem, minha gente, elas me perguntou, 'Seu Fernando, você sabe fazer essas árvores de Natal assim?' Aí eu fui i ver uma furquia de pau, e perguntei: 'é assim?' Ela disse 'é assim mesmo, seu Fernando. Eu quero que você faça três', e a outra disse 'eu quero três também', foi Ângela e a outra primeira da minha história de artesanato de madeira, aí foi o começo dos bancos de madeira, foi mudado para os bancos de pé pra cima. Aí veio (...) Celso, viu o meu trabalho e deu valor, e me botou em televisão, aí começou a chegar gente, bom nessas altura o artesanato de boa noite não tinha valor nenhum, aí pegou a chegar gente pra minha casa, compravam minhas coisas e eu apontava para as mulheres do boa noite e chegando gente. (Santos apud Costa, 2017, p. 75-76)



Esculturas e mobiliário do Ateliê Boca do Vento, da família de Seu Fernando

Em sua análise sobre a circulação do artesanato e das artes populares na Ilha do Ferro, Arthur Lins (2021) sugere uma divisão entre dois momentos principais. O primeiro, que denomina como o da “primeira clientela”, refere-se à atuação de nomes como Brandão, Dantas, Pedrosa e Parani, nos anos 1980-90, e aos diálogos e à difusão promovidos por esses atores sociais, que projetaram o povoado para outros territórios e geraram uma demanda por aquela produção artesanal. O segundo momento, na década de 2000, marca a Ilha como alvo de interesse de consumidores, sobretudo oriundos do eixo Rio-São Paulo, ampliando a rede de colecionadores, lojistas e outros interessados, como reflexo da ressonância do povoado em campos

como o artístico e o empresarial. Isso trouxe, logo em seguida, um novo fenômeno: o incremento do turismo sistemático na Ilha, cujos embriões já haviam sido apontados por Seu Fernando décadas antes.

A partir de então, tornou-se também alvo de diversos projetos de designers, curadores, galerias, colecionadores, museus e renomadas marcas do mundo da moda, com impactos e ressonâncias locais variados. Um elemento recorrente nesse contexto é a onipresença de um discurso harmonioso sobre o diálogo e encontro entre o mundo ocidental urbano e seus campos estabelecidos, como o de designers, curadores e agências fomentadoras de políticas de cultura, e o bucólico, inventivo e longínquo mundo de artesãos às margens de um rio. Se, por um lado, sugerem a retroalimentação criativa ou o fomento e estímulo à produção, por outro, produzem distintas modalidades de invenção do gosto ou de um suposto bom gosto e apreço pelo “rústico”, o singular, o genuíno. Categorias que são articuladas para atribuir determinados sentidos simbólicos, que se revertem também em distintas cifras financeiras, sobretudo àqueles que articulam tais discursos.

Também chegaram à Ilha programas governamentais voltados para a difusão do artesanato alagoano, norteados por discursos de identificação, fomento e apoio à comercialização das artesanias locais. Esses programas ressaltam aspectos como a ancestralidade e a identidade cultural alagoana, os quais, de modo geral, os artistas reconhecem como importantes, mas demandam maiores diálogos.



Escultura de Aberaldo em seu quintal

A Ilha do Ferro passou a fazer parte de roteiros e guias de viagem, publicações especializadas no campo da arquitetura, design e decoração de interiores, além de aparições em programas televisivos – para além do já citado Caldeirão do Huck, figurou em novelas como *A lei do amor* (2017), na qual uma das personagens era dona de uma galeria de arte popular cujo acervo destacava consideravelmente a Ilha do Ferro. Aberaldo se lembra de quando foi convidado a visitar o set de gravações, um evento que também marcou o início de sua circulação para além de Alagoas em função de seu trabalho, como nos conta:

A primeira vez que eu andei de avião foi indo pro Rio [de Janeiro]. Um rapaz que trabalhava com a Globo viu umas peças minhas e surgiu uma novela que tinha um monte de peças aqui do Nordeste. Uma galeria de arte que tinha muita coisa daqui. Por conta disso, ele veio até aqui e levou muitas peças da Ilha do Ferro, inclusive as minhas. Fomos eu e o Zé Crente pra lá, pra Globo. Ficamos três dias lá, vendo o final da novela com as peças da gente todas lá no estúdio sendo gravadas. E foi muito bom esse começo de andança.

Os objetos produzidos pela Ilha do Ferro e seus autores circulam hoje pelo mundo, em termos geográficos e, pelos mundos de arte (Becker, 2010), em termos simbólicos. Em decorrência desses processos, paulatinamente vêm se configurando sistemas de distinções entre indivíduos e objetos que têm maior ressonância enquanto artistas e/ou artistas populares e aqueles considerados artesãos; entre os

que são considerados autores de obras singulares e aqueles que reproduzem padrões seriais. Fronteiras tênues, fluidas, arbitrárias e de contornos imprecisos que recortam determinados nomes e formas estéticas para determinados públicos nas dinâmicas dos mercados e apreciação de arte.



Escultura de Petrônio, na entrada de seu sítio

Hoje, é comum ouvir que cada casa na Ilha tem um artista, metáfora que indica a profusão dessa produção no povoado, que conta com dezenas de nomes, entre os quais se pode citar Petrônio, Zé Crente, Dona Morena, Vavan, Yang, entre outros. Há também novos mediadores, como André Dantas, filho de Carmen Lúcia Dantas, que criou o projeto Cabra, um espaço que oferece residência artística e cultural a quem estiver disposto a desenvolver alguma ação no território que reverta diretamente algum benefício para a Ilha.



Petrônio



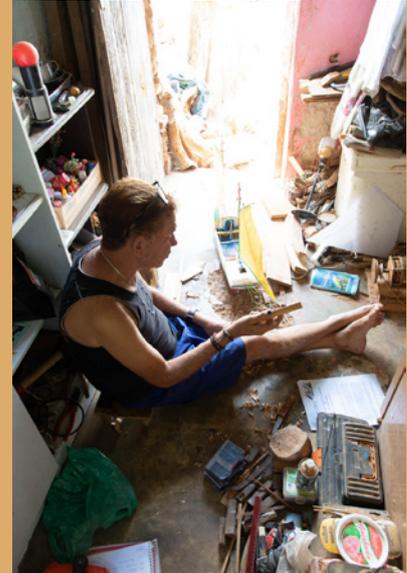
Zé Crente



Dona Morena



Vavan



Antônio Sandes



Espaço interno da sede do projeto Cabra, idealizado por André Dantas



Bar do André

Nesse regime de distintos níveis de reconhecimento e artificalização (Shapiro, 2007; Shapiro; Heinich, 2013) da produção na Ilha do Ferro, Aberaldo é um dos mais respeitados nomes, dentro e fora da Ilha, navegando por entre os emaranhados sistemas de distinção dos mercados de arte e seu sempre interessado olhar sobre seu território e o rio São Francisco que o emoldura. Como disse, sentado na carcaça de seu barco Tieta durante uma prosa: “Estar diante de um rio desses... é bom demais!”.

Aberaldo observando o São Francisco



Bibliografia

ALEI DO AMOR. Direção: Natália Grimberg. Roteiro: Maria Adelaide Amaral, Vincent Villari *et al.* Intérpretes: Cláudia Abreu, Reynaldo Gianecchini, Vera Holtz, José Mayer *et al.* Rio de Janeiro: Rede Globo, 3 out. 2016 a 31 mar. 2017. Temporada 1, 155 capítulos.

AZEVEDO, Patrícia. *Boa-noite: bordados da Ilha do Ferro*. Rio de Janeiro: CNFCP; Iphan, 2010. (Sala do Artista Popular, n. 158)

BARROS, Rachel Rocha de Almeida. Bordado Boa-Noite da Ilha do Ferro: patrimônio cultural, geração de renda e desenvolvimento regional. *Latitude*, Maceió, v. 11, n. 2, p. 385-240, 2017.

BECKER, Howard. *Mundos de Arte*. Lisboa: Livros Horizonte, 2010.

COSTA, Jairo José Campos (org.). *Um jeito de olhar*: Fernando Rodrigues dos Santos. Arapiraca: Eduneal, 2017.

DANTAS, Carmen. *Mestres artesãos das Alagoas: fazer popular*. Maceió: Instituto Arnon de Mello, 2009.

SHAPIRO, Roberta. Que é artificação? Tradução do original *Qu'est-ce que l'artification?* por Ana Liési Thurler e revisão de Marisa Liebaut. *Sociedade e Estado*, Brasília, v. 22, n. 1, p. 135-151, jan./abr. 2007.

SHAPIRO, Roberta; HEINICH, Nathalie. Quando há artificação? Tradução do original *When is artification?* por David Harrad. *Sociedade e Estado*, Brasília, v. 28, n. 1, p. 14-28, jan./abr. 2013.

LINS, Artur André. *Artesanato e capitalismo: o caso da Ilha do Ferro (Alagoas)*. 2021. 321 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2021.

MENESES, Adelia Toledo Bezerra de. Matéria vertente: Grande Sertão: Veredas de Guimarães Rosa e o Rio São Francisco. *Remate de Males*, Campinas, v. 22, n. 22, p. 9-23, 2002.

RAMOS, Graciliano. *Alexandre e outros heróis*. Rio de Janeiro: Record, 2013.

ROSA, Guimarães. *Grande sertão: veredas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

Contatos para comercialização:

Aberaldo Sandes Costa Lima - (79) 9905-1314
Instagram: @aberaldoilhadoferro



Sala do Artista Popular | CNFCP
Rua do Catete, 179 (metrô Catete)
Rio de Janeiro – RJ cep 22220-000
mercado.folclore@iphan.gov.br
www.cnfcp.gov.br



RIO DE JANEIRO, 22 DE AGOSTO A 29 DE SETEMBRO DE 2024

MINISTÉRIO DA CULTURA | IPHAN | CENTRO NACIONAL DE FOLCLORE E CULTURA POPULAR